

## AS CULTURAS DO MEDITERRÂNEO AO LONGO DA HISTÓRIA

Cursos de Humanidades por videoconferência  
Universidad Carlos III de Madrid

**Professor:** Dr. D. Alfredo López Serrano

### 2 - A CIVILIZAÇÃO MINOICA

A ilha de Creta foi o cenário da primeira grande civilização que podemos chamar de europeia, não tanto por causa de sua localização, já que a ilha está equidistante entre os três continentes da Europa, Ásia e África, mas porque estendeu sua influência sobre as ilhas e costas do Mar Egeu e porque foi a precursora da cultura grega. "O primeiro sorriso verdadeiro da Europa", nas palavras do arqueólogo Paul Fauré, o início da conversão do Mediterrâneo no que mais tarde se tornaria o centro do mundo. Há 3.500 anos, a vida em Creta era melhor do que em qualquer outro lugar da Europa na época. A atratividade de seus afrescos, palácios, joias, cerâmicas... nos permite imaginar um modo de vida tremendamente original em comparação com as grandes civilizações fluviais da época no Egito e na Mesopotâmia, uma civilização amigável, onde os jogos, o gosto pela natureza e uma evidente alegria de viver abundavam por toda parte. A ilha chegou a ter meio milhão de habitantes, e suas cidades foram consideradas por Homero, vários séculos depois, como as maiores da Grécia primitiva. O fato de ter sido chamada de ilha das cem cidades dá uma ideia precisa do esplendor e do dinamismo urbano alcançado, embora seja mais comum lembrar sua designação como talassocracia, um império marítimo, o que talvez seja um exagero. A talassocracia cretense mencionada nos mitos gregos tem sido questionada atualmente, ou tem sido limitada, apesar da dúzia de enclaves portuários ou promontórios no Mediterrâneo chamados de *Minoa*. As informações arqueológicas disponíveis parecem confirmar que ela não era tanto um poder militar ou político, mas uma influência comercial e civilizatória.

As descobertas do arqueólogo inglês Arthur Evans no início do século XX, seguidas por outras escavações, a decifração da última escrita minoica, Linear B, por Michael Ventris, um criptógrafo da RAF, em 1952, não removeram completamente o véu de mistério que envolve essa civilização, que ainda se encontra na linha entre a mitologia e a arqueologia. Seu próprio nome faz referência às suas origens mitológicas. Evans a chamou de "minoica" em memória de Minos, seu lendário rei. A mitologia foi o ponto de partida para a pesquisa científica que se seguiu às descobertas arqueológicas e, toda vez que uma nova descoberta é feita em escavações, ocorrem novas releituras e interpretações das histórias míticas gregas.

Hoje em dia, ninguém duvida que esses mitos, no que diz respeito ao passado da ilha, tenham uma base de verdade, mas a distância de mais de cinco séculos entre sua escrita e os eventos que narram justifica suas imprecisões, exageros, omissões e confusões, embora não percam seu valor como guia ao trabalhar com os dados científicos à nossa disposição.

Embora Creta tenha sido amplamente escavada, o que não exclui novas descobertas, as questões sobre essa civilização continuam sendo fundamentais. Ainda não conseguimos

decifrar suas duas primeiras escritas, o hieróglifo cretense e o Linear A, temos pouco conhecimento de sua religião primitiva e muitos aspectos de sua vida cotidiana nos escapam, embora outros estejam se tornando mais claros. Por fim, seu desaparecimento também está envolto em mistério, embora as hipóteses que estão sendo formuladas se baseiem em dados mais precisos e criem consenso entre os especialistas.

## **Mitologia**

A antiga Creta é o cenário de alguns dos mitos gregos mais conhecidos. De acordo com esses contos, Reia (Cibele), filha de Urano, escondeu seu filho Zeus na ilha da ira de seu marido e irmão Crono, que tentou devorá-lo e ao resto de seus filhos. O recém-nascido foi amamentado por uma cabra (ou ninfa) chamada Amalteia (um de seus chifres, arrancado por Zeus, se tornaria o chifre da abundância) e guardado por sacerdotes, os coribantes ou Curetes, encarregados de produzir sons e música para que Cronos não ouvisse os gritos da criança. Com o mesmo propósito, ele vivia suspenso em uma árvore, pois a terra, o mar e o céu pertenciam a Cronos e eram zelosamente guardados por ele. Quando cresceu, ele derrotou seu pai e o fez vomitar seus irmãos. Zeus se tornaria o rei do universo, Poseidon do mar e Hades do submundo.

De sua caverna no Monte Ida, em Creta, Zeus viu Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia, em uma praia distante na Ásia. Ele assumiu a forma de um touro branco, seduziu e raptou a princesa e a transportou para Creta. Lá eles tiveram três filhos: Minos, Radamantis e Sarpedon. Depois de ser abandonada pelo deus, Europa se casou com o rei da ilha, Asterion, que adotou seus filhos e, quando ele morreu, Minos recuperou o trono, dedicou um altar a Poseidon e fez com que o deus do mar enviasse um touro. Quando um grande touro branco saiu do mar, Minos ganhou o direito ao trono. Apesar de sua promessa, o novo rei não sacrificou o touro a Poseidon, o que provocou a ira do deus e fez com que a esposa de Minos, Pasífae, se apaixonasse pelo touro branco e fosse engravidada por ele depois de se disfarçar como uma vaca de madeira construída por Dédalo. Dessa união nasceu o Minotauro, um monstro metade touro e metade ser humano, que foi aprisionado com sua mãe em um labirinto também construído por Dédalo a pedido de Minos. Mas Dédalo e seu filho Ícaro também foram aprisionados lá.

A cada nove anos, Minos ia para uma caverna em Creta, onde recebia novas leis diretamente de Zeus, como Moisés no Monte Sinai. Um bom governo resultou em prosperidade e poder para Creta. De acordo com os mitos, o governo de Minos se estendia por todo o Mar Egeu. Um filho de Minos, Androgeu, foi morto em Atenas após um jogo de ginástica. O rei se vingou exigindo dos atenienses e de outros povos costeiros sete meninos e sete meninas a cada nove anos, para serem devorados pelo Minotauro. Após os dois primeiros grupos de jovens, o filho do rei de Atenas, Teseu, se ofereceu para matar o monstro e libertar seus companheiros. Quando ele chegou a Creta, Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por ele e mostrou-lhe o caminho para matar o Minotauro (uma espada mágica) e escapar do labirinto (o famoso fio de Ariadne). Quando conseguiu, fugiu com o resto dos atenienses, com Ariadne e sua irmã Phaedra, abandonando a primeira na ilha de Naxos e casando-se mais tarde com a segunda.

Dédalo e Ícaro também conseguiram sair do labirinto, construindo e voando com asas de cera, com as quais Ícaro pereceu por não seguir o conselho de seu pai e se aproximar demais do sol.

muito perto do sol. Outras versões dizem que eles fugiram em um barco emprestado por Pasífae e que Dédalo inventou as velas para navegação, com as quais o inventor conseguiu fugir de Minos, que começou a persegui-lo. Finalmente, ele o descobriu na Sicília, na Itália. Ele finalmente o encontrou na Sicília, mas lá Minos foi morto em um banho de fogo.

### **Interpretações do mito**

A memória das aventuras dos primeiros heróis gregos, narradas por trás do véu da idade das trevas grega (séculos XII a VIII), sobreviveu por toda a antiguidade. Os romanos visitaram os locais da ilha onde supostamente ocorreram grandes eventos, como a morada de Zeus no Monte Ida ou o labirinto próximo a Knossos. Os domínios bizantino, árabe, veneziano e otomano contribuíram para manter o mito e obscurecer ainda mais o que ele realmente continha.

À luz das descobertas científicas atuais, ao analisar as anedotas e os absurdos dos relatos mitológicos de Homero e Hesíodo, podemos arriscar algumas ideias compatíveis com os fatos históricos do passado de Creta. Uma ideia se destaca nas histórias: a importância do passado da ilha para os deuses do Olimpo e para a origem de heróis e homens. O fato de Zeus, o cretense, raptar a Europa, a oriental, foi interpretado como evidência da existência de contatos mútuos entre a Síria-Fenícia e Creta, contatos que foram vitais para a formação da civilização minóica, embora o rapto da Europa por Zeus, transformado em touro, possa nos enganar e se referir a uma invasão quase certa de Luvitas, asiáticos, por volta de 1700 a.C. Em Ugarit, na Síria, foram encontrados afrescos semelhantes aos minoanos, antes e depois de seu período de produção em Creta.

Certamente, alguns ritos religiosos cretenses eram realizados em cavernas, embora no início o culto não fosse dedicado a Zeus, como relatam os mitos gregos, mas à Grande Deusa Mãe do leste (a *Magna Mater* frígia), adorada em cavernas, como convém a uma deusa terrestre.

É surpreendente que seja um touro branco (o disfarce usado por Zeus para raptar Europa) que Poseidon oferece a Minos para realizar o sacrifício, e que seja esse mesmo touro que engravida a esposa de Minos, Pasífae. Sem nenhuma base, exceto seu senso comum racionalista e cristão, os bizantinos medievais interpretaram que foi um general chamado Touro que seduziu a rainha, união da qual nasceu o Minotauro, uma ideia agora completamente descartada. Sem saber exatamente em que consistia, tantas coincidências sobre o touro nos levam a pensar que o culto ao touro deve ter sido um elemento fundamental na religião e na vida cotidiana de Creta, de forma semelhante, talvez, ao que tem sido durante séculos na Índia, embora não esqueçamos que o touro também foi o protagonista do espetáculo sem sangue do salto das mulheres aproveitando a força da investida e se apoiando nos chifres do animal. Esse é o jogo mais representado na cultura minoica, juntamente com uma espécie de boxe. Até onde sabemos, não envolvia o sacrifício do touro, portanto não podemos compará-lo às touradas atuais no mundo hispânico, embora seja semelhante às suertes de los recortes e ao chamado salto del *trascuerno* que se tornou popular na Espanha do século XVIII. Os chifres de touro

em pedra encontrados nos palácios minoicos devem estar associados a esse culto, cuja natureza precisa não está totalmente clara.

Dédalo representa o gênio criativo do artesanato cretense. Os palácios cretenses eram uma intrincada coleção de cômodos, corredores, escadarias e alturas duplas em torno de um único pátio central, para o qual todos os cômodos levavam, o que contribui ainda mais para a sensação de labirinto: parece que sempre se sai no mesmo lugar. Os palácios eram cercados por importantes alojamentos de artesãos. Às vezes, verdadeiras cidades "industriais", como Gurnia, eram usadas para abastecer os palácios e criar produtos para exportação: perfumes, objetos de bronze, produtos agrícolas - vinho, azeite - cuidadosamente embalados e, em especial, a cerâmica cretense, que era muito apreciada em todo o Mediterrâneo. Labirinto era o nome dado pelos gregos aos edifícios em cujos pilares e colunas estavam esculpidos os *labrys*, ou seja, um machado duplo, um elemento simbólico da iconografia cretense (e de outras culturas orientais) sem um significado claro para nós, mas provavelmente também ligado ao culto da grande deusa mãe-terra, o suporte de tudo o que existe. Como já foi indicado, a Dédalo também é atribuída a invenção da navegação, em uma clara referência à vocação marítima cretense.

Minos não representa apenas um rei, já que as alusões a ele em documentos egípcios e gregos se estendem por quase quatro séculos, por isso, acredita-se que ele possa ter sido uma dinastia ou talvez um título dos reis de Creta, assim como César, além de ser uma figura histórica, era um epíteto de todos os imperadores romanos.

A talassocracia atribuída a Minos hoje foi completamente revisada e questionada. Com certeza, durante o período genuinamente minoico, ou seja, até a destruição de 1450 a.C. (antigo, médio e parte do minoico recente), eles nunca formaram uma verdadeira talassocracia de corantes tirânicos. Ela se limitou a estabelecer uma influência comercial nas Cíclades, particularmente em Paros e Thera (também em Pharos, o local na costa do Egito onde o famoso farol de Alexandria seria estabelecido) e em alguns enclaves costeiros pacíficos do Mar Egeu. O poder político e militar ao qual o mito de Teseu faz alusão pode corresponder ao período micênico, quando os aqueus, um povo indo-europeu da Grécia continental, conseguiram estender sua influência assimilando parcialmente a cultura cretense. Não se pode descartar a possibilidade de que sacrifícios humanos tenham sido feitos em Creta, provavelmente de criminosos, o que seria mais uma confirmação do texto mitológico.

A morte de Minos na Sicília, ao perseguir o fugitivo Dédalo, pode representar o fim do modo de vida milenar e das crenças características dos cretenses, que foram forçados a fugir da ilha, não tanto após as invasões aqueus, mas especialmente após as invasões dóricas, em direção ao leste (onde foram chamados de filisteus e deram seu nome ao território: Filistina-Palestina) e ao oeste (Sicília). Mileto e Fócida também são mencionadas como outras cidades fundadas pelos cretenses, embora sua presença seja às vezes confundida com a dos fenícios.

O mito de Atlântida, mencionado por Platão e outros, pode não se referir a uma ilha no Atlântico, famosa por sua riqueza e refinamento, mas pode estar relacionado à destruição da ilha de Thera (atual Santorini). Escavações nessa ilha revelaram afrescos e cerâmicas no estilo cretense, com detalhes não encontrados nem mesmo na própria Cnossos, como a representação de vasos minoicos. A erupção de

1450 a.C. causou o afundamento de três quartos da ilha (anteriormente abandonada), um maremoto que atingiu a costa norte de Creta e uma chuva de cinzas que arruinou temporariamente a agricultura. Mas as causas naturais não são suficientes para explicar os incêndios que se seguiram, que podem ter sido causados por rivalidades territoriais dentro da ilha ou por conflitos sociais. Tudo isso pode ter influenciado a mudança de hegemonia no Egeu dos cretenses para os aqueus, embora não deva ter havido uma invasão repentina.

No entanto, a vitória do herói ateniense Teseu sem dúvida nos fala da entrada dos gregos propriamente ditos (os dórios) em toda a área do Egeu pelo menos dois séculos mais tarde, por volta de 1200 a.C., o que causou enormes transtornos em toda a área, levando a movimentos e invasões dos chamados "povos do mar", incluindo os próprios cretenses-acádios, que tentaram se estabelecer no Egito e no sul do Mediterrâneo. Depois de 1200, Creta entrou em um declínio definitivo, do qual restaram apenas lembranças em mitos, costumes e ritos camponeses, até que foi descoberto por arqueólogos contemporâneos.

O papel ativo de Ariadne no mito e, em geral, das mulheres associadas a Creta (Rhea, Europa, Pasiphae...) é consistente com a importância das sacerdotisas e do culto à deusa principal, e talvez fale de um tipo mais igualitário de relações de gênero do que as introduzidas pelos indo-europeus (aqueus e dórios), com uma clara predominância social masculina.

A partir de certo ponto, é necessário abandonar as informações fornecidas pela mitologia, que serviram apenas como sugestão e ponto de partida, e devemos entrar no campo da arqueologia, onde encontraremos certezas científicas juntamente com muitas dificuldades e novas incertezas.

## **Arqueologia**

Muitos tentaram desde o final da Idade Média e do Renascimento. Viajantes como Buondelmonte, de Florença, que em 1422 visitou ruínas que agora desapareceram, ou Ciraco, de Ancona, em 1445, que descobriu inscrições em um idioma desconhecido. Em 1576, o governador Foscarini realizou as primeiras escavações e exumou algumas estátuas, que transferiu para Veneza. Pouco antes da invasão turca, em meados do século XVII, já era comum coletar inscrições, moedas e outras antiguidades da ilha. Desde o início do século XIX, estudiosos como Pashley ou militares como Spratt fizeram explorações e procuraram pela primeira vez explicações para as referências a Creta nos mitos gregos.

As descobertas de Schliemann a partir de 1869 sugeriram que, assim como Homero não havia mentido sobre Micenas e Troia, suas alusões a Creta também deveriam ser verdadeiras. Minos Calokerinos, um rico cretense, financiou as primeiras grandes escavações em Knossos (1879) e obteve, por meio de doações a museus em Roma, Paris e Londres, uma enorme publicidade para suas descobertas.

Em 1883, o Dr. Hazzidakis obteve uma licença das autoridades turcas para realizar escavações em toda a ilha, e os camponeses, que preservaram até hoje

e lendas, começaram a pesquisar por conta própria, abastecendo o mercado negro com antiguidades, às vezes autênticas.

Logo surgiram arqueólogos profissionais estrangeiros. O próprio Schliemann, o americano Stillman, o francês Jouvin? mas foi Arthur Evans o primeiro a conseguir comprar um pedaço de terra em Knossos. As dificuldades com as autoridades turcas atrasaram o início da escavação. Nesse meio tempo, Evans realizou pesquisas curiosas sobre algumas tradições locais, como o costume das jovens cretenses de colocar "pedras de leite" entre os seios, um amuleto com inscrições que até então eram consideradas pré-fenícias. O italiano Taramelli descobriu algumas peças de cerâmica delicada na caverna de Camares, quebrando assim a suposição predominante de que Creta era simplesmente um enclave da cultura micênica e lançando a ideia de que poderia ter sido o contrário, que Creta havia sido o primeiro centro civilizador da Grécia.

Após o motim de 1898, que destruiu a coleção de Minos Calocerinos, Creta ganhou autonomia do Império Otomano, e as primeiras escavações oficiais começaram. Arthur Evans comprou o restante do terreno em Knossos por 112.000 piastras. Entre 1900 e 1902, mais de 200 trabalhadores, arqueólogos, arquitetos, etc., escavaram a toda velocidade os 20.000 metros quadrados do que se supunha ser o antigo palácio de Minos e o labirinto. A obsessão por encontrá-lo fez com que descartassem muito material considerado micênico e, portanto, de menor valor, e somente 60 anos depois ele pôde ser estudado e usado, com etiquetas apagadas, o local específico do achado esquecido etc. Poucas fotografias foram tiradas, pequenos furtos, pressa e a malária que afetou os trabalhadores transformaram o local em um turbilhão e, às vezes, em um caos. Com a melhor das intenções, foram feitas reconstruções apressadas e foram atribuídos nomes aos cômodos descobertos, forçando uma determinada interpretação. A publicação simultânea do trabalho fez com que Evans contradissesse os resultados de um ano e os do ano seguinte, seus diários e as opiniões de seus colaboradores, e ele foi constantemente forçado a fazer correções, embora sua terminologia e periodização o tenham tornado o principal arqueólogo da ilha e a primeira referência para qualquer estudo da cultura minoica, que ele chamou de minoica.

Os arqueólogos italianos do sul da ilha, coordenados por Federigo Halsberr, da Universidade de Roma, tinham um método de trabalho completamente diferente. Eles não obtiveram resultados espetaculares, mas sua lentidão, sua recusa em restaurar nada além do indispensável, a numeração fria das salas descobertas, sem nomes que levassem à fantasia e ao erro, marcaram o estilo de escavação posterior porque o que foi obtido era mais confiável. Os franceses fizeram o mesmo no período entre guerras. Os ocupantes alemães durante a Segunda Guerra Mundial, que eram arqueólogos entusiastas, realizaram campanhas de escavação rápidas durante a guerra. Desde a década de 1950, após a decifração do Linear B, dezenas de novos locais foram desenterrados e o ritmo das escavações não diminuiu, com o aumento da eficiência dos tratores e escavadeiras e o financiamento internacional substancial garantindo a qualidade dos estudos.

O material descoberto é abundante, o suficiente para que haja um bom número de escavações que possam ser visitadas, não apenas os palácios, cidades e cavernas, mas também casas e complexos rurais, e para que novos museus sejam abertos.

E novos museus estão sendo abertos em toda a ilha, para que possamos ter uma ideia mais precisa do que aconteceu em Creta há mais de três milênios.

Os vestígios artísticos e arqueológicos nos falam de uma civilização altamente evoluída, com uma vida social e cultural brilhante, na qual as mulheres tinham acesso à vida social e religiosa como nunca antes e quase nunca desde então. Luxo sem grandiosidade, o conceito de uma vida confortável, feita sob medida para o homem, água corrente e esgotos, armazéns de todos os tipos, gosto pelos prazeres do vinho, jogos de azar, esportes... aproximam Creta da modernidade. O uso de joias, cosméticos e roupas multicoloridas é comum a homens e mulheres. As roupas de homens e mulheres revelam o torso, um sinal do gosto pela nudez que se desenvolveria na Grécia clássica. As diferenças sociais não parecem ser muito marcantes no início, e apenas os selos (anéis de selos em muitos casos) e os bens de sepultura mostram as desigualdades, um fenômeno que se tornará mais pronunciado à medida que os palácios se desenvolverem. As cerimônias pacíficas são enfatizadas nos afrescos e, embora os guerreiros às vezes sejam retratados e as armas façam parte dos bens das sepulturas em algumas tumbas, sua presença não parece ser tão importante quanto em outras civilizações da Idade do Bronze. No entanto, alguns arqueólogos sugeriram que as armas talvez fossem necessárias demais para os vivos, especialmente em momentos críticos da história de Creta e das ilhas adjacentes, dada, além disso, a escassez de cobre em seu ambiente, exceto em Chipre (cujo nome deriva do latim *cyprum*, cobre). De lá, ele era comercializado em lingotes de eixo duplo. Depois de experimentar outras ligas, os cretenses importaram estanho de muito longe, talvez do Atlântico ocidental.

Creta tinha uma agricultura forte (videiras e azeitonas) e pecuária, além de densas florestas de ciprestes, cuja madeira altamente valorizada era usada para a construção de navios. A frota cretense fazia negócios a serviço dos faraós ("Keftiu", de acordo com textos egípcios), em expedições comerciais e exploratórias, e exportava sua própria produção industrial e agrícola. Entre as técnicas artesanais, destaca-se a cerâmica de Camares, cujo nome vem da caverna no Monte Ida, onde foram encontrados os primeiros vestígios. Feita com uma roda de oleiro, suas paredes são muito finas, razão pela qual foram chamadas de "casca de ovo", seus motivos são policromos, naturalistas (povos, flores etc.) e se adaptam às formas variadas dos vasos. O número de peças encontradas em Creta e em todo o Mediterrâneo significa que a cerâmica cretense (e, em menor escala, a cerâmica glíptica) pode ser usada para estudar a evolução cultural do desenvolvimento milenar da cultura minoica.

As importações incluíam metais, como mencionado acima, objetos suntuários e, muitas vezes, cereais, já que a ilha estava em déficit depois de se especializar em culturas mais lucrativas. Jade da China, âmbar dos países bálticos, selos com imagens de avestruzes e hipopótamos e pedaços de marfim (provavelmente asiáticos) foram encontrados em túmulos cretenses, demonstrando as enormes distâncias percorridas por seus comerciantes.

Da religião cretense, conhecemos os objetos de culto ("chifres de consagração", machados duplos, vasos de cerâmica, conchas naturais e manufaturadas...), os locais e ritos (cavernas, salões de palácios, danças, sacrifícios animais e possivelmente humanos, libações, oferendas...), lugares e ritos (cavernas, salões de palácios, danças, sacrifícios de animais e talvez humanos, libações, oferendas) e elementos simbólicos (o touro, estatuetas de sacerdotisas ou deusas), mas é difícil saber se havia apenas uma divindade, a deusa-mãe, às vezes chamada de "senhora dos animais", ou se eram politeístas. As influências orientais, como a presença de grifos ou do Minotauro, não impediram uma grande originalidade religiosa, caracterizada pela adoração da deusa-mãe da terra e da

A tradição da deusa-mãe terra com suas variantes no culto à árvore, ao pilar, aos elementos da natureza, aos animais do mar, do ar e da terra, ao machado duplo, à lua e aos chifres de touro, formando um todo complexo que não era totalmente compreendido. O culto não era realizado em grandes templos, mas em cavernas, pequenos altares e em alguns cômodos do palácio, onde eram realizadas complexas danças rituais, libações e banhos. Não é de se excluir que os jogos pugilísticos e os espetáculos de touradas também tivessem um componente religioso. A religião passou por um grande sincretismo quando se fundiu com os deuses antropomórficos de influência aqueia e indo-europeia.

A casta sacerdotal tinha grande poder e autonomia econômica, e pode ter sido um fator determinante na disseminação da religião cretense, voluntária ou imposta, nas ilhas Cíclades e ao longo da costa do mar Egeu.

### **Períodos da cultura minoica**

A sequência estratigráfica mostra que Creta foi habitada antes do período neolítico e, sem interrupção, seus habitantes desenvolveram uma cultura durante a Idade do Bronze que, embora materialmente relacionada à Mesopotâmia e, sobretudo, ao Egito, tem características próprias que justificam sua própria periodização e nomenclatura. Os artefatos cretenses encontrados no Egito ou vice-versa permitem uma datação muito confiável, que, seguindo a periodização geralmente aceita proposta por Evans, seria dividida em três períodos:

Minoano primitivo (até -2000). Também chamado de pré-palacial, esse é o período de gestação da cultura cretense, do crescimento demográfico que será a base do desenvolvimento cultural posterior. A oliveira foi cultivada pela primeira vez em Creta. Pela primeira vez na região do Egeu, surgiram tumbas circulares construídas sobre alicerces de pedra.

Minoico médio (2000-1600 a.C.). O mais notável é o surgimento de cidades e palácios em Creta, especialmente os de Knossos e Malia, os mais conhecidos do período, e também os de Festos, Zakros e Hagia Triada. Sua planta lembrava a Evans o labirinto mítico em torno de um pátio central. Seus dois andares são sustentados por paredes (decoradas com afrescos graciosos e belos) e colunas, que eram tidas em especial veneração. Não há muros, o que sugere um poder naval que os tornou desnecessários. Isso é consistente com a pacificação do Egeu e o controle da pirataria por Minos, conforme descrito nos textos clássicos. Esse foi o período de sua projeção externa, principalmente para o Egito e a Síria. O conhecimento dos palácios da Mesopotâmia (o de Mari) pode ter sido a origem dos palácios cretenses. A evolução da cerâmica em direção aos vasos do tipo Camares também é digna de nota. A escrita começou a ser usada, inicialmente hieroglífica e, gradualmente, surgiu a escrita Linear A. Decifrar o hieróglifo cretense e o *Linear A* significaria compreender uma civilização perdida, aprender sobre uma visão de mundo anterior à chegada dos indo-europeus. Embora essa escrita e o idioma que ela representa possam ter tido influências luvitas, já que esse povo da Ásia Menor pode ter desembarcado na ilha em 1700 a.C. e, de qualquer forma, assimilou a cultura e se fundiu com os idiomas falados em Creta, que podem ter sido três: pélasgico, eteocretense e cidônio. No entanto, grandes terremotos destruíram os principais palácios da época. A reconstrução nos permite falar de arquitetura neopalatiana e, durante esse período, uma certa unificação política da ilha foi alcançada em torno de Knossos.



em torno de Cnossos. Entretanto, enquanto o Linear A não for decifrado e os fragmentos sobreviventes parecerem se referir apenas a questões contábeis, nosso conhecimento desse período permanecerá um tanto impreciso.

Minoico tardio (1600-1200 a.C.). Esse é o período de máxima expansão cultural e poder cretense no Egeu e também o período de seu declínio após as destruições de -1450. Surge o Linear B, que coexiste por um tempo com o Linear A e, por fim, o substitui. Os incêndios que se seguiram à destruição permitiram a preservação de tabletas de argila com escrita, que, de outra forma, teriam sido reutilizados antes de serem queimados, de acordo com o costume da época. Por volta de -1370, podemos falar de uma influência micênica progressiva na ilha, embora isso não exclua a permanência de características cretenses, razão pela qual esse final de período é frequentemente chamado de micênico-cretense. Surgiram então cidades-refúgio fortificadas, nas quais encontramos o modelo de construção conhecido como *mégaron*. Não se pode descartar a possibilidade de que alguns grupos estivessem envolvidos em pirataria. Por volta de -1250, a ilha começou a declinar e foi abandonada.

### **O fim da civilização minoica e seu legado no mundo grego**

O ambiente geográfico e as circunstâncias específicas de Creta condicionaram sua civilização, sua natureza insular promoveu sua vocação marítima e sua posição entre as grandes civilizações do Oriente Próximo a orientou para a expansão comercial. Entretanto, seu tamanho limitado não propiciou o surgimento de um grande império, mas de grupos humanos com grande iniciativa e autonomia. A arqueologia confirma uma certa distância política entre os diferentes palácios ou cidades governamentais e, embora em um determinado momento Cnossos tenha se tornado a capital (até mesmo de uma monarquia, como relatam os mitos), a parte ocidental da ilha e cidades como Festos ou Mallia nunca perderam uma certa independência, apesar do fato de que, como Cnossos, elas não foram muradas até pelo menos 1450 a.C. Nesse sentido, sua organização é um claro antecedente da polis grega. Como eles, todos os cretenses compartilhavam uma unidade cultural e religiosa. O comércio deu a Creta um papel central que promoveu contatos mercantis nos quais se entrelaçaram contatos culturais, linguísticos, religiosos e, gradualmente, políticos, mas a união política nunca foi seu objetivo. Sua influência não se baseou inicialmente na imposição, mas os habitantes da Grécia continental e insular estavam interessados em ser influenciados pela cultura cretense, que abriu as portas para o Oriente e o Egito.

Os vestígios artísticos e arqueológicos nos falam de uma civilização refinada, com uma vida social e cultural brilhante, na qual as mulheres tinham acesso à vida social e religiosa como nunca antes e quase nunca desde então.

O avanço de Micenas e o progresso da navegação acabariam por diminuir a importância estratégica de sua posição no meio das rotas do Mediterrâneo oriental e iniciariam seu declínio, que seria definitivo após as convulsões do avanço dórico, embora as pesquisas atuais tendam a pensar que fatores internos, problemas de coesão social e rivalidades locais tenham sido ainda mais decisivos, uma vez que nem todas as cidades foram destruídas ao mesmo tempo, mas alguns incêndios coincidiram com o renascimento de outra cidade, como acontece em períodos de pilhagem.

O incêndio de 1450 foi um fator importante na destruição das cidades da Dória, mas nem todas foram destruídas ao mesmo tempo, e os incêndios coincidiram com o renascimento de outra cidade, como ocorreu em períodos de pilhagem.

O tsunami de -1450 que destruiu as cidades da costa norte, incluindo Knossos, não pôs fim à civilização minoica. O palácio de Cnossos foi logo reconstruído, embora outros palácios não o tenham sido. Os postos comerciais cretenses nas ilhas do mar Egeu também não foram recuperados. A destruição e os recursos necessários para a reconstrução enfraqueceram o estado cretense e talvez tenham acentuado as rivalidades locais. O fim pode ter sido causado por lutas entre as várias partes da ilha, embora a antiga teoria de uma invasão aqueia não seja descartada. Após um período de recuperação dispendiosa, Cnossos foi novamente destruída em 1370 e, a partir de então, os vestígios encontrados são micênicos, com a escrita se tornando Linear B, a mesma encontrada em Micenas, Tirinto, Argos e outros locais no continente grego. Estamos diante de uma nova unidade cultural para toda a Hélade, o segundo ensaio do que viria a se tornar um império. Micenas, a cidade central dessa nova formação política, assimilou o mundo cretense e depois suplantou e ampliou seu domínio sobre os mares para tornar efetiva a talassocracia de que fala Tucídides. Creta havia se tornado uma província, ligada ao mundo aqueu, que Schliemann descobriu em Micenas e Tirinto. Sua arquitetura mudou, com cidades muradas e o surgimento do já mencionado *megaron*, um edifício retangular sustentado por paredes e, acima de tudo, por colunas, um típico precursor da arquitetura grega. A cremação cretense também se difundiu, em oposição à tradição cretense de sepultamento. Apesar de todas as mudanças, o micênico (e o grego) não pode ser entendido sem o minoico. Até mesmo a poesia épica grega, a de Homero e Hesíodo, pode se basear nos padrões de contagem encontrados nas tábuas cretenses e micênicas.

Creta não perdeu sua importância demográfica e comercial, mas, ligada a Micenas, continuou sua influência no Mediterrâneo oriental, pelo menos até -1250, quando novos levantes forçaram o abandono da ilha em várias direções no Mediterrâneo.

A mais notável de suas odisséias subsequentes, ligada aos ataques dos chamados *povos do mar*, entre os quais se encontravam, foi a que os levou a formar, no sul da Palestina (o que hoje é a Faixa de Gaza), o estado filisteu, um descendente direto da Creta micênica. Eles romperam com a população cananeia nativa e estabeleceram a *Pentápolis*, um sistema de cinco cidades comerciais, que parecia uma abominação aos olhos dos judeus do norte, por causa de seu gosto pelos prazeres terrenos. Davi derrotou Golias e manteve por um tempo a pureza dos costumes judaicos, mas Salomão era mais permeável à influência cultural deles, e até mesmo um judeu íntegro como Sansão foi seduzido pelos refinamentos filisteus, até seu arrependimento e morte ao derrubar os pilares vitais de um templo filisteu. Os conflitos com os vizinhos continuaram até que todos foram exterminados pelas campanhas militares assírias do século VII a.C.

BIBLIOGRAFIA

Bermejo Barrera, José Carlos (1988): *The Aegean world in the second millennium*. Madri, Akal.

Chadwich, John (1993): *El mundo micénico*. Madri, Alianza Universidad. Dickinson,

Oliver (2000): *The Aegean Bronze Age*. Madri, Akal.

Faure, Paul (1984): *Everyday life in Minoan Crete*. Barcelona, Argos Vergara.

Grimberg, Carl (1985): *Greece. From Minoan culture to pre-Roman Italy (Da cultura minóica à Itália pré-romana)*. Barcelona, Daimon.

Mackenzie, Donald (1996): *Creta e Europa pré-helênica*. Madri.

Milán, M<sup>o</sup> Soledad (2003): "El tesoro de Creta: El palacio de Malia" em *Revista de Arqueología*, n<sup>o</sup> 262, pp. 24-31.

Pendlebury, J. [1939] (1965): *Introduction to the archaeology of Crete [Introdução à arqueologia de Creta]*. México, Fondo de Cultura Económica.

VV. AA. (1992): *The Aegean civilisations. From the Neolithic and the Bronze Age*. Barcelona, Labor.

Warren, Peter (1996): *The civilisations of the Aegean*. Barcelona.